

# **CRIANÇAS E ADULTOS NAS MALHAS DAS RELAÇÕES SOCIAIS: UMA ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO NO INTERIOR DA CRECHE**

FILHO, **Altino José Martins** – UFSC

**GT:** Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ n.07

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento.

## **Questões para um ponto de partida**

Venho socializar neste pôster uma pesquisa em andamento no curso de mestrado. Tal estudo apresenta uma reflexão centrada nas dinâmicas das relações sociais estabelecidas entre crianças e adultos e entre as próprias crianças. O pressuposto, é que adultos e crianças atuam cotidianamente como atores sociais que se humanizam, inclusive por meio de vivências que estabelecem nos espaços e tempos do contexto educacional.

No desenvolvimento da pesquisa de campo busquei desvelar as relações sociais que as crianças estabelecem umas com as outras, tomando como referência uma lógica peculiar às *produções/reproduções das culturas de pares* conforme elaborada por Corsaro (1997, 2002, 2004). Corsaro e outros autores definem como tal, um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na relação com seus pares, sejam originados do mundo adulto ou criados e transformados no próprio grupo de crianças. Para Corsaro (Idem) e Ferreira (2002, 2004), por exemplo, as crianças também aprendem com outras crianças nos espaços de partilha comum. Neste sentido é que elas estabelecem as culturas de pares. O termo “pares” (*peer*) é entendido como o grupo de crianças, no interior do qual estas partilham o mesmo espaço em regime de habitualidade.

Uma outra expectativa que estou desenvolvendo em relação ao exame do material empírico coletado é desvelar os papéis, as interferências e as relações dos adultos nos **processos de socialização**, que fluíram e foram vivenciados ao longo do período de observação na instituição que foi *locus* da pesquisa. A tentativa é focar essas relações como forma de perceber, nas crianças, os seus estilos de vida, seus referentes simbólicos e modos de apreensão do mundo em busca de compreender a complexidade da infância em suas características mais intrínsecas e peculiares.

Para tanto, busquei investigar a infância como categoria social, geracional e cultural, apresentando as pequenas meninas e pequenos meninos como atores sociais ativos e produtores de culturas; bem como, reconhecendo-as/os como sujeitos empíricos tendo *vez, voz*, perspectivas próprias, ação, co-construtores e cidadãos de direitos. Por este enfoque é possível ver as crianças com base em suas experiências e manifestações, principalmente aquelas construídas por meio das relações estabelecidas com seus pares, e não mais como sujeitos passivos, ainda que elas sejam interdependentes dos adultos, ou de outros grupos sociais, como por exemplo, a família, os contextos institucionais de educação e o Estado.

## PERSPECTIVA DE AÇÃO

A partir do estabelecimento de alguns marcos referenciais e de posse do material empírico (observações, fotos, depoimentos, conversas informais, etc.) foi possível decompor os registros em unidades de informação e proceder a um reagrupamento destas unidades em temas mais recorrentes com o objetivo de facilitar o delineamento dos múltiplos processos de socialização que são travados no interior do contexto institucional. Tal esforço permitiu perceber com maior clareza que o movimento dos relacionamentos no interior da creche é denso, complexo e diverso. Ali participam crianças e adultos e se entrelaçam manifestações sujeitas a confrontos, negociações, encontros, desencontros e reencontros. Desse emaranhado de práticas sociais fiquei interessado em identificar as conexões, as articulações, as implicações e as **marcas sociais** que eram impressas e expressas pelos dois atores – adultos e crianças.

Mas, que marcas são estas?

Faz-se necessário antecipar, a partir das primeiras análises, que as relações sociais engendradas no interior de uma instituição educacional são tecidas por muitos relacionamentos e diferentes matizes intra e interpessoais. Isto se dá em função dos atores sociais estarem envolvidos por diversas teias que são construídas a partir de condicionantes sociais, culturais e econômicos, mas que acabam tomando expressões peculiares em função da história e da individualidade de cada um dos atores nas relações sociais.

Tracei a partir desta reflexão um questionamento central que serviu de fio condutor do processo investigativo: - *Quais as **marcas sociais** que se destacam no relacionamento entre os adultos e as crianças e entre as próprias crianças no interior da creche ?* E adianto também um desejo sobre a possível contribuição deste trabalho para a prática pedagógica no interior das instituições: *haveria como garantir processos de socialização que incorporassem a percepção de que a criança é também ator social ativo de sua educação, mesmo quando muito pequena ?*

## **MARCOS REFERÊNCIAIS DA PESQUISA**

As questões supra mencionadas têm sido discutidas no campo da *Sociologia da Infância* e têm encontrado ressonância em um grupo de pesquisadores da área da Educação que estão sensibilizados em conhecer as interpretações que as crianças constroem nas relações com os seus pares e como isto pode favorecer e ser favorecido nas práticas educativas. É este aspecto que me levou a considerar como de crucial importância analisar as **relações sociais** que as crianças estão travando com os adultos e com seus pares nos contextos coletivos de educação, já que estes são espaços que selecionam valores culturais e sociais para serem referência aos pequenos meninos e meninas que convivem juntos na creche.

Os estudos sociais da infância apontam para a necessidade de se rever o conceito de socialização, os quais vêm colocando as crianças como alguém com modos próprios de ser e pôr-se no mundo, o que as difere dos adultos. Para Faria (1999) a incompletude, a precariedade e a ausência que foram atribuídos às crianças pequenas são, exatamente, o que diferencia e caracteriza a infância de outras categorias geracionais. Porque seus modos de se expressar são diferentes dos modos próprios dos adultos, e porque não sabem fazer coisas que os adultos fazem, tornam-se portadoras de uma *cultura infantil*. Nestes termos, Kramer (1999) também apregoa que aceitar as crianças em suas formas próprias de expressão, socialização, com especificidades e diversidades é requisito fundamental da concepção de criança como produtora e reprodutora de culturas. Ainda segundo a autora, o processo pelo qual as pessoas se tornam individuais e singulares se dá,

exatamente, neste reconhecimento do *outro* e de suas diferenças numa experiência crítica de formação humana.

Esta compreensão demarca, a iniciativa da produção teórica na área da sociologia da infância pelo entendimento da abordagem “socioantropológica”, que está baseada no tripé: *História Social, Antropologia e Sociologia* (SIROTA, 2001; MONTANDON, 2001; FERREIRA, 2002). Os estudos de Rocha (1999) e Faria (1999) indicam que esta referência possibilita retratar a *criança pela criança* de onde é possível, então, buscar a delimitação do campo de uma *educação infantil* concernente com as múltiplas possibilidades de considerar as crianças como atores sociais<sup>1</sup>, as quais, de maneira interpretativa, estão recriando, expressando, apropriando, transformando suas formas de socialização por meio do convívio com seus pares e com os adultos, as relações sociais são o terreno em que a criança se desenvolve.

O desafio é tentar contribuir para a elaboração de novas formas e perspectivas que ajudem a compreender os processos de socialização vivenciados na creche, desvelando as configurações privatistas, institucionalizadoras e dominantes dos processos de socialização, bem como aquelas que são travadas a partir da partilha e do envolvimento dos adultos frente ao grupo dos/as pequenos/as meninos e meninas.

Com intuito de compreender o movimento das relações sociais que são estabelecidas no contexto da creche, percebi a importância de trazer para o cerne das análises desta pesquisa as relações dos dois atores (adulto/criança), pois ao assumir a posição de pesquisador no cotidiano da instituição, as relações dos adultos frente ao grupo de crianças foram se evidenciando e se destacando como algo a ser apreendido e analisado, para poder compreender as relações que as crianças estabelecem com seus pares, fui percebendo que a produção das culturas de pares está associada ao universo cultural dos adultos, as crianças recriam e reproduzem aquilo que vivem no seu mundo social e cultural.

## PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

---

<sup>1</sup> Para Montandon (2001, p.21), o conceito de socialização, que se refere a um processo unilateral no qual as instituições e agentes sociais procuram fazer com que os indivíduos assimilem, se adaptem e se integrem na sociedade, suscitou reações entre os sociólogos que estudam a infância. Assim, as diversas reflexões sobre a socialização não são independentes de um outro problema teórico que é a relação entre ator-estrutura. A sociologia interpretativa enfatiza mais a produção da vida social pelos indivíduos do que a produção dos comportamentos pelas estruturas sociais.

Para capturar a multiplicidade de situações da vida social e cultural experimentada na creche recorri ao conceito de *descrição densa* (GEERTZ, 1989), ou seja, a partir da organização, seleção, comparação e agregações, realizadas sobre o conjunto dos registros etnográficos e fotográficos, foi que procurei formular minhas interpretações das manifestações sociais e culturais presentes nas relações dos adultos frente ao grupo de crianças e vice-versa, bem como das crianças entre si. Não como uma etapa interpretativa final ou de encerramento da pesquisa, mas como uma atividade contínua, a partir das primeiras observações, primeiros registros, primeiras imagens, primeiras falas e depoimentos, uma atividade que permeia toda a faina do olhar e da escuta. Os registros fotográficos e os registros etnográficos foram articulados buscando estabelecer uma perspectiva comparativa que facilitasse a percepção dos pontos de convergência e as eventuais divergências; as regularidades e as tendências sem, contudo, deixar de atentar para o vário e a exceção.

Isto significa a opção por um método mais aproximado dos processos qualitativos, participativos e interpretativos, designadamente a utilização da observação participante e dos registros sistemáticos das dinâmicas sociais observadas, podendo-se lançar mão das mais diferentes formas de registros.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. *Educação, Sociedade e Cultura*, n.º17, 2002, p.113-134.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Educação Pré-escolar e Cultura: para uma pedagogia da educação infantil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Cortez, 1993.
- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. *A gente aqui o que mais gosta é de brincar com os outros meninos: as crianças como atores sociais e a (re) organização social do grupo de pares no cotidiano de um jardim de infância*. Porto, 2002. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- KRAMER, Sônia. *Inância e educação infantil: reflexões e lições*. *Educação*, n.34, PUC-Rio, 1999.
- MONTANDON, Cleopatrê. *Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em língua inglesa*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.112, 2001, p.33-60.

ROCHA, Eloisa Candal. A Pesquisa Em Educação Infantil No Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. Campinas/SP. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 1999.

SARMENTO, Manuel J. & Pinto, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) AS CRIANÇAS - Contextos e Identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, p.7-31, março de 2001.

## ESQUEMA DE APRESENTAÇÃO DO PÔSTER

